

O México que queremos os zapatistas *

Subcomandante Insurgente Marcos

[O México que querem os zapatistas, 22 de julho]
17 de julho de 1994
A: Diálogos "O México que queremos"
Atenção: Primitivo Rodríguez Oseguera
Academia Mexicana de Derechos Humanos
Centro de Estudios Educativos
Centro de Estudios do Movimento Operário e Socialista
CIVICUS, Aliança Mundial para a Participação Cidadã
Fundação para a Promoção e Defesa da Legalidade
Instituto Mexicano de Estudos Políticos

Senhor Primitivo Rodríguez Oseguera

Li, somente hoje, seu cortês convite, publicado no El Correo Ilustrado de *La Jornada*, para participar nos diálogos "O México que queremos" Agradecemos a oportunidade que nos dão, nesse espaço plural, de apresentar um esboço, ainda que simples, do México que queremos os zapatistas.

Heriberto (3 anos, tojolabal filho de tojolabales) sorri sem dentes quando consola a sua irmã Eva (5 anos, tojolabal filha de tojolabales) que se despertou chorando porque sonhou que o gato fazia "mau" e não "miau". Heriberto explica a Eva que foi o chuchito ("cachorrinho" para os chiapanecos) quem deu uma corrida no gato e por isso este disse "mau"

* Tradução de Márcio Colussi Funcia

Sua irmã duvida, mas o sorriso sem dentes de Heriberto começa a contar uma história bastante complicada sobre o chuchito que veio outro dia e trazia, o chuchito, um doce no bolso e Heriberto, para que não pare dúvida, saca um doce do bolso da calça e o oferece a Eva que, diante de prova tão racional, engole as lágrimas, deixa-se convencer e prova o doce. Heriberto segue falando e a história do chuchito já vai por trás de uma formiga que, diz, quer levar a embalagem do doce e Heriberto e sua irmã já se esqueceram do chuchito e do gato que faz “mau” e não “miau” e, compartilhando o doce, observam a formiga que já escolheu uma quina do celofane. O gato do conto de Heriberto é um gato pequeno, e querendo dizer “gatinho” Heriberto diz “gatilho” Um país onde “gatilho” queira dizer “gatinho”, ESSE É O MÉXICO QUE QUEREMOS.

Um pecuarista declara que não pode haver igualdade, que sempre haverá ricos e pobres, seus pares aplaudem a não mais poder. “Esta terra está morrendo”, diz Fidel, o zapatista, enquanto esmigalha nas mãos um torrão de milho moído. Num restaurante de luxo, políticos de alto escalão descobrem que coincidem na idéia de que o que precisa este país é uma mão forte e um bom golpe para aplacar tantos revoltosos e sorriem satisfeitos enquanto encaminham a conta da refeição a uma secretaria do Estado. Uma patrulha policial seqüestra uma mulher que regressa, sozinha e de noite, a sua casa. A patrulha dirige-se sem rodeios a um terreno baldio. “A modernidade deve chegar a todas os lugares”; sorri com cara de entendido o funcionário, “O transporte de eleitores e o roubo de urnas são a pré-história”, ajeita a gravata, “é mais moderno usar o padrão eleitoral, assim o ‘trabalho sujo’ continua acontecendo, porém muito mais higiênico” PRONASOL é um programa governamental moderno, não se trata de remediar a pobreza, mas sim de otimizá-la, de maquiá-la para que seja aceitável aos olhos de um mercado que, com o mexicaníssimo nome de NAFTA, ameaça os céus entre o Bravo e o Suchiate. A otimização da pobreza mostra sua efetividade nos campos mexicanos: os indígenas morrem, como há séculos, de enfermidades curáveis trazidas pelos brancos, junto com as cruzes e as espadas, para “civilizar” estes selvagens que pensam, ingenuamente, que é um direito de toda gente governar e governar-se. Nas montanhas do sudoeste mexicano é mais barato deixar-se morrer que curar-se, uma a uma vão-se fechando todas as portas.

O México que querem os zapatistas

Ouvindo o pranto dos seus, os mortos de sempre regressam para dizer palavras de guerra, escutam os anciões e vão traduzindo aos jovens a missão que traz o vento de baixo. Um país onde tudo isto seja só um pesadelo e não uma realidade, este é O MÉXICO QUE QUEREMOS.

Ao amanhecer de um ano, um exército formado por indígenas declara guerra ao governo, lutam por “utopias”, ou seja, por democracia, liberdade e justiça no MÉXICO QUE QUEREMOS. Num muro de uma prefeitura chiapaneca, palácio de caciques, ainda está pintado um “¡JÁ BASTA!” de vermelho apagado, de sangue seco. Os funcionários tratarão inutilmente de apagá-lo. “Só derrubando o muro”, dizem e se dizem os funcionários. Alguém, em qualquer lugar do país, começa a entender ... EN EL MÉXICO QUE QUEREMOS.

Heriberto só veste, como roupa, um lenço vermelho. Aos três anos o lenço tapa o umbigo e o dedinho do sexo. Quando Heriberto cai no lodo, rapidamente se volta para ver se alguém o observa ou se ri, se não há ninguém à vista, se recompõe novamente e vai ao riacho para banhar-se; à sua mãe dirá que se molhou porque foi pescar. Se alguém zomba dele quando tropeça, Heriberto agarra um facão do seu tamanho e, empunhando-o, arremete contra tudo que esteja ao seu redor. Chora Heriberto não porque lhe doa a queda. Porque dói mais a zombaria, por isto chora Heriberto.

No MÉXICO QUE QUEREMOS, Heriberto terá bons sapatos para o lodo, uma calça para os arranhões, uma camisa para que não escapem as esperanças que costumam aninhar-se em seu peito, um lenço vermelho será apenas um lenço vermelho, e não um símbolo de rebeldia. Terá o estômago satisfeito e limpo e haverá em seu pensamento muita fome de aprender. Chorar e sorrir serão apenas isso, e Heriberto não terá que crescer tão cedo.

Uma manhã, depois de uma noite longa, cheia de pesadelos e terna dor, amanhecerá o MÉXICO QUE QUEREMOS. Hão de despertar os mexicanos sem palavras para calar, sem máscaras para vestir suas dores. Haverá nos pés essa inquieta urgência de dançar e nas mãos um comichão de apertar, amigas, outras mãos. Nesse dia, ser mexicano deixará de ser uma vergonha. Nesse dia O MÉXICO QUE QUEREMOS será uma realidade e não apenas um tema para colóquios de sonhos e utopias.

Pois bem senhores, aproveito para convidá-los a comparecer à
Convenção Nacional Democrática,
Saudações e mais sonhos destes que podem parir realidades.
Das montanhas do Sudoeste mexicano,
Subcomandante Insurgente Marcos.